



GT16 – Educação e Comunicação – Pôster 1052

## FANPAGES DE ESCOLAS OCUPADAS E SUAS NARRATIVAS AUDIOVISUAIS

Raquel Silva Barros – UNIRIO

### Resumo

Movimentos de ocupação secundarista tem eclodido e vem sendo observados em diversas regiões do Brasil. Quais são os elos que os jovens estabelecem a partir da criação de páginas no *Facebook*? Como eles (re)constroem narrativas no contexto das *fanpages* das ocupações? Que papel tem o audiovisual nessas narrativas construídas por eles? Tais questões são a base da pesquisa de Doutorado que vem sendo realizada desde 2016 e que tem como aporte teórico os estudos sobre ativismo em rede e as narrativas audiovisuais e midiativismo produzidas por seus interlocutores no contexto dos Estudos Culturais Latino-americanos, um campo que investiga as formas de produção/criação de significados por jovens e seu processo de difusão na sociedade contemporânea. Buscamos compreender como as narrativas produzidas pelos jovens que alimentam as *fanpages* do *Facebook* se inter cruzam formando teias de rastros pela rede e perceber como o visual e audiovisual faz parte dessas narrativas construídas por eles. A metodologia nesse momento inicial da pesquisa contou com algumas visitas a escolas ocupadas no Estado do Rio de Janeiro conversando com os sujeitos que ali se encontravam e navegando nas *fanpages* criadas pelos mesmos.

**Palavras-Chave:** narrativa, ocupações, rastros

### Introdução

Desde o final do ano de 2015, estamos acompanhando em nosso país movimentos de ocupações de escolas públicas secundaristas em nosso país. Iniciou-se no Estado de São Paulo e em pouco tempo o movimento alastrou-se para outros Estados do Brasil. Impulsionados pela repulsa à reorganização<sup>1</sup> escolar proposta pelo governo do Estado de São Paulo, estima-se que mais de 200 escolas foram ocupadas no Estado por seus alunos logo após seu anúncio. Com idas e vindas, o movimento vem ocorrendo em meio a anúncios de medidas, projetos de leis e outras ações anunciadas pelo governo das esferas

---

<sup>1</sup> Como aponta Januário, “O projeto de reestruturação da rede pública estadual de escolas em São Paulo resultaria no fechamento de quase uma centena de unidades escolares, reestruturaria outras centenas de escolas e atingiria mais de 300 mil alunos, além de suas famílias.” (2016)

municipal, estadual e federal. No auge das ocupações, somente o Estado do Paraná contou com mais de mil escolas ocupadas.

No Estado do Rio de Janeiro, local onde focaremos nossa pesquisa, essa mobilização vem acontecendo tendo o espelho o movimento dos outros Estados. Suas pautas e reivindicações se assemelham, tendo como base, anseios que vão desde a luta por melhorias nas condições básicas para funcionamento estrutural a questões políticas que afetam o sistema educacional. Em comum, ainda, em todas elas, percebemos o uso das redes sociais digitais como veículos onde os jovens ocupantes das diversas escolas publicavam imagens, vídeos e textos expondo, denunciando, comentando e debatendo os fatos que ocorriam durante o movimento.

Hoje, com o potencial de registro, criação, edição e divulgação de imagens, podemos pensar em uma nova maneira de lidarmos com os elementos que antes observávamos, mas não fixávamos no tempo. “No clima intelectual da computação social, a avaliação, a crítica, as categorizações não são mais reservadas aos mediadores culturais tradicionais (clero, professores, jornalistas), mas retorna às mãos das multidões” (LEMOS & LEVY, 2010, p. 11). Podemos considerar, então, a viabilidade que essa prática de registros através da produção de vídeos e imagens pode proporcionar dentro de movimentos que vem sendo impulsionados no âmbito virtual.

Percebendo os jovens secundaristas ocupantes como produtores e autores das narrativas que se entrelaçam nas diversas fanpages<sup>2</sup> que se tornam canais oficiais da ocupação, buscamos apresentar neste pôster os elos que eles vêm estabelecendo a partir de suas páginas publicadas no *Facebook* com as narrativas visuais e audiovisuais produzidas e publicadas por eles.

### **Midialivrismo na rede**

Realizando filmagens, publicando fotografias, editando vídeos, escrevendo depoimentos, fazendo comentários, montando cartazes, criando memes, gravando áudios, alunos de escolas secundaristas, em geral um público jovem, realizam suas narrativas sobre o que acontece diariamente nas ocupações. Ao publicarem na rede, os autores dessas narrativas

---

<sup>2</sup> A Fanpage é uma página que pode ser criada na rede social *Facebook* onde pode-se realizar a divulgação de um conteúdo específico para um público que se interesse pelo tema tratado sem a necessidade de fazer a exposição na página pessoal.

transformam-se em midialivristas, onde são capazes de “rivalizar, subverter, contrapor com diferentes estratégias as narrativas produzidas pelos grandes conglomerados de comunicação” (MALINI, 2013, p. 12). Essa forma de atuação em rede baseia-se na prática de “hackeamento” sendo uma estratégia utilizada por grupos, redes, midialivristas, demonstrando resistência, porém não se recusando a dialogar.

Apresenta-se, então, um novo cenário apontando para a perda da propriedade exclusiva da narração pelas mídias tradicionais, como destacado por Fabio Malini. O midialivrismo ciberativista apresenta-se como um contraponto a este monopólio da imprensa discutindo e influenciando nas políticas públicas a partir do contato direto entre os usuários.

Essa forma de atuação que se apresenta de forma ampla, pode ser observada nas *fanpages* produzidas pelos ocupantes de escolas secundaristas a partir da publicação de relatos, imagens, vídeos, links e diversos outros compartilhamentos que retratam o que acontece naquele espaço físico e que vai sendo ocupado também virtualmente. Diante das diferentes possibilidades de análise e a partir da riqueza de produções que se multiplicam nas redes, buscamos focar o olhar nas produções audiovisuais publicadas nas páginas do *Facebook* que se conectam e se (re)constroem entre si.

### **O trilhar da pesquisa**

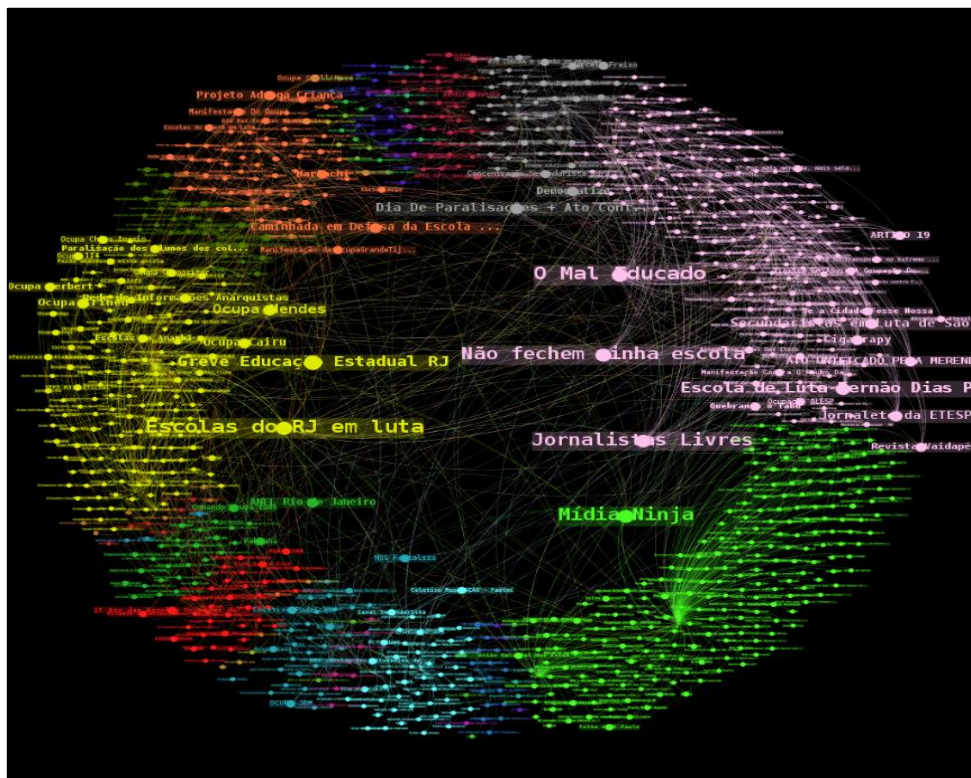
Os primeiros levantamentos feitos na pesquisa têm como referência as produções audiovisuais lançadas pelos estudantes ocupantes em suas redes de contato no *Facebook* que se cruzam e formam uma rede de narrativas que se conectam e se retroalimentam a todo instante.

Ao realizar uma busca através do *Facebook* sobre fanpage de escolas ocupadas, tivemos acesso à página @OcupaMendes, que seria a página ‘oficial’ da ocupação da escola Mendes de Moraes localizada na Ilha do Governador no município do Rio de Janeiro, e por sinal, a primeira das escolas estaduais ocupadas em 2016. Sem precisar fazer uma outra busca, pude ter acesso ao @EscolasRJemLuta que se trata de uma das centrais das escolas ocupadas no Estado. Acessando essa, pude ser direcionada a outra, e outra e mais outra. Uma infinidade de páginas. Uma infinidade de links.

Assim como eu tive acesso, todos aqueles que visitam alguma dessas páginas também o tem. Eu cliço no link daquela que mais me interessa assim como cada um que visita uma determinada página. Teremos acesso a uma infinidade de links que se conectam. Podemos

perceber essa relação como apresentado no grafo publicado por Fabio Malini em maio de 2016.

*Rede de páginas do movimento #Ocupatudo que se seguem no Facebook.*



Fonte: <https://medium.com/@fabiomalini/o-ecossistema-s%C3%B3cio-midi%C3%A1tico-do-ocupatudo-cf589a0781aff#.7i41sd27z>

Dentre escolas localizadas no Estado de SP, RJ e outras regiões, podemos observar um emaranhado de nós que se cruzam e se integram na grande rede. Este é um exemplo dos rastros que realizamos ao curtir, comentar, compartilhar ou seguir uma determinada página ou ter acesso a um link (LE MOS E LEVÝ, 2010). Deixamos rastros. Esses rastros puderam ser registrados a partir das narrativas estabelecidas por aqueles que navegam nas *fanpages* das escolas.

Diante dos diversos nós que surgiam e se multiplicavam diante da tela do pesquisador, realizamos uma conversa inicial com jovens de algumas escolas ocupadas no Estado do Rio de Janeiro no mês de dezembro de 2016 para entender melhor como a *fanpage* era produzida por eles no contexto do movimento de ocupação e perceber como se davam as articulações com outras páginas.

Visitamos quatro escolas federais ocupadas, duas na zona Oeste do Rio de Janeiro, Pedro II campus Realengo e IFRJ no mesmo bairro, e duas na Baixada Fluminense, IFRJ campus Paracambi e CTUR em Seropédica. Pôde-se perceber nessas conversas a forte necessidade da produção de imagens e vídeos como forma de legitimação de seus movimentos já que o público que lê uma publicação numa página, atenta-se, não só para a postagem realizada como aos comentários tecidos pelos navegantes da página. Os relatos do que cada um vivenciou, publicados a partir de seus perfis pessoais, trazem à cena os protagonistas daquela situação e dão legitimidade ao que vem ocorrendo. Suas imagens e vídeos apresentam para aquele que navega na página uma espécie de veracidade para o que vem sendo realizado no decorrer do movimento. De fato, a *fanpage* criada acaba por tornar-se o canal oficial para que se possa entrar em contato com os ocupantes, porém suas narrativas pessoais formam o todo, uma multiplicidade de vozes onde a todo momento as intertextualidades se ligam e se misturam aos links sugeridos.

Em suas falas, os jovens apontaram para publicações que são realizadas não apenas nas páginas oficiais da ocupação de suas escolas, mas também em outras centrais que fortalecem o movimento e até mesmo em páginas fechadas, direcionadas aos integrantes das ocupações apenas. Este dado pode ser corroborado com o grafo publicado por Malini e apresentado acima. Estas informações são de extrema relevância para o andamento da pesquisa, uma vez que, oferecem pistas para investigarmos onde e como suas produções audiovisuais são apresentadas mostrando um elo entre as narrativas que são desenvolvidas.

### **Algumas considerações**

Trazendo uma combinação de sentimentos, interpretações e ações, essas páginas produzidas pelos jovens com suas narrativas trazem uma construção de diferentes discursos que expressam singularidades já que “a narrativa é sempre um misto do pessoal com o político, da crença com a interpretação, da objetividade com a subjetividade, da informação com o testemunho, da ficção com a realidade, do original com a cópia, da singularidade com a coletividade” (MALINI, 2013, p. 124).

Podemos observar nos rastros das publicações realizadas uma conexão que mostra mais do que suas possibilidades de elos e dinâmicas de relações que se estabelecem. Elas mostram diversas frentes de luta arraigadas a partir de suas narrativas que se reforçam e continuam a criar, assim, novas redes com vínculos que não cessam. Todas essas frentes

estão voltadas com questões que envolvem movimentos sociais que vem acontecendo em nosso país, alguns tendo como auge de atuação as manifestações ocorridas em 2013. Fato é que todas essas lutas têm em comum anseios de liberdade de expressão, abertura de dados e divulgação de acontecimentos reais. Se atentarmos para as reivindicações que as ocupações estudantis se orientam, veremos que elas possuem uma base de luta em comum a todas essas que já vinham ocorrendo. Essas formas de atuação na rede reforçam a necessidade de pensarmos na potência dos recursos tecnológicos buscando compreendê-las como “elementos fundantes das transformações que estamos vivendo” (PRETTO, 1986 apud PRETTO & ASSIS, p. 74).

#### **REFERÊNCIAS:**

JANUÁRIO, Adriano et al. As ocupações de escolas em São Paulo (2015): autoritarismo burocrático, participação democrática e novas formas de luta social. Revista Fevereiro, n.9. abr. 2016.

LEMO, A; LÉVY, P. O futuro da Internet. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2010.

MALINI, F.; ANTOUN, H. A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais/ Fábio Malini e Henrique Antoun. – Porto Alegre: Sulina, 2013.

PRETTO, N. de L.; ASSIS, A. Cultura digital e educação: redes já! In: SANTANA, B.; ROSSINI, C.; PRETTO, N. de L. (Org.). Recursos educacionais abertos: práticas colaborativas e políticas públicas. Salvador: EdUFBA; São Paulo: Casa de Cultura Digital, 2012. Disponível em: Acesso em: 10 MAR 2017.